

As relações da Imprensa com o Poder – como a Revista *O Lince* apresentou o Golpe de 1964 a seus leitores¹

Jorge Carlos Felz Ferreira²
Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise de como a imprensa juiz-forana, em especial a Revista *O Lince* apresentou os primeiros dias do golpe militar de março de 1964. *O Lince*, uma revista que circulou na região de Juiz de Fora entre 1912 e 1979, apresentou em fins de abril de 1964 uma edição especial, com 12 páginas, com o relato dos acontecimentos e vários textos editoriais acerca do movimento militar iniciado na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. No presente trabalho é possível vermos como a publicação estava alinhada com os discursos apresentados pelos sublevados, como narrou os fatos que levaram ao golpe militar, além de apresentar os líderes do movimento com heróis da democracia.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Golpe de 1964; Jornalismo em Juiz de Fora; Cobertura Jornalística;

No mês em que a Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora (MG) acaba de lançar um livro³ com o relatório de suas atividades, inclusive com uma análise dos impactos da ditadura sobre o jornalismo local, procuramos aqui dar continuidade ao nosso trabalho⁴, desenvolvido desde 2004, acerca de como os jornais impressos de Juiz de Fora (MG), cobriram o Golpe de 64.

Em 1964 existiam vários jornais e revistas em Juiz de Fora. Enquanto alguns jornais e emissoras de rádio buscavam a defesa das instituições democráticas ou tendiam para uma visão política mas à esquerda, a maioria dos veículos defendiam posições conservadoras ou de extrema direita. Entre os que defendiam o governo João Goulart estavam as rádios *Difusora e Industrial*, do empresário Sérgio Mendes. Estas emissoras foram colocadas sob

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Fotógrafo diplomado, formado pela Univ. Federal do Esp. Santo (UFES). Mestre em Comunicação pela Univ. Metodista de S. Paulo (UMESP). Doutor em Comunicação pela Univ. Federal Fluminense (UFF). Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/ UFJF) desde 2010, atualmente exerce o cargo de Diretor da Faculdade.

³ MEMÓRIAS DA REPRESSÃO – Relatório da Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora. Juiz de Fora (MG): Editora MAMM/ UFJF, 2015.

⁴ COUTINHO, Iluska e FELZ, Jorge. Memória e Poder: o Golpe de 64 na imprensa de Juiz de Fora. S. Paulo: Intercom, 2004.

censura logo após terem retransmitido o programa *A Voz do Brasil*, na noite de 31 de março, quando o quartel local já estava rebelado. Vale à pena também destacar o semanário *Binômio*, de Belo Horizonte e que possuía uma pequena redação em Juiz de Fora onde produziam uma edição regional, para a Zona da Mata Mineira. O periódico fechou as portas logo depois do Golpe.

Os Diários Associados de Assis Chateaubriand, maior rede de comunicação do Brasil naquele momento, mantinha franca atitude de apoio aos planos de derrubada do governo João Goulart. A linha editorial politicamente conservadora se fazia não apenas em coberturas críticas ao governo de João Goulart, mas em entusiasmado apoio à quebra da ordem constitucional de 1964. Exemplos dessa tendência foram os dois principais jornais de Juiz de Fora, controlados pelos Diários Associados: *Diário Mercantil* e *Diário da Tarde* que apoiavam, junto com a *Rádio Sociedade – PRB3* e a *TV Mariano Procópio*, as manifestações ferozes da direita. Estes jornais criticavam diretamente o forte movimento sindicalista existente na cidade, apoiavam a Campanha da Mulher pela Democracia e veiculavam programas e colunas de adversários do governo como o padre Wilson da Costa, capelão militar e feroz combatente do comunismo.

Outros meios de comunicação também se alinhavam com o pensamento de direita como os jornais *Folha Mineira*, de Sinval Cruz, a *Gazeta Comercial* e a *Tarde*, estes dois mantidos por Théo de Sobrinho. Além desses, podemos destacar a revista cultural *O Lince*, editada por Jesus e Adail de Oliveira.

O Golpe de 64 nas páginas de O Lince

Neste trabalho, iremos analisar a edição especial, de abril de 1964, da revista *O Lince*. A publicação circulou entre 1912 e 1979 com 442 edições no total. De 1912 a 1939 *O Lince* foi publicado em formato de jornal e, a partir de 1940, como revista. Ao analisarmos a cobertura do golpe de 64 (naquele momento ainda chamado de revolução) realizada revista *O Lince*, acabamos por escolher “marcas temporais que têm sido, cada vez mais, acontecimentos midiáticos na forma noticiosa” (MATHEUS, 2011). Em nosso trabalho, ao buscarmos a edição especial dessa revista publicada imediatamente após o golpe de 64, acabamos por nos debruçar sobre algumas dessas marcas temporais que estão intimamente ligadas à própria existência dessa revista.

O periódico trazia notícias sobre os mais variados temas: esporte, arte, literatura, cinema e coluna social. Fundada por Jesus de Oliveira no bairro Benfica, zona norte de Juiz de Fora, o jornal/ revista dependia inteiramente da venda de anúncios para se manter. Em suas páginas colaboraram jornalistas e escritores como Albino Esteves, Manoel Carriço, Hélio Bastos Couto, Mário Helênio de Lery Santos, Paulo Japyassú Coelho, Aridess Braga, Luiz Atheling e Antônio Gelli. Na década de 1960, a redação passou a ser dirigida por Adail de Oliveira, filho do fundador da revista.

Publicada poucos dias após o Golpe de 31 de Março, a edição especial da revista *O Lince* trazia, em 12 páginas, uma exaltação ao Golpe e seus principais líderes mineiros. Este número especial foi encartado na edição de março que teve sua distribuição retardada pelos acontecimentos. A edição é composta por narrativas dos acontecimentos, ou como os editores preferem chamar, roteiros dos acontecimentos, e vários comunicados e boletins emitidos pelos golpistas ou pelo governo democraticamente eleito e que, neste caso, são apresentados como últimas tentativas de sobrevivência de um governo que não cumpria seus deveres constitucionais. Apesar de ocuparem espaços praticamente iguais, isso não significa termos um equilíbrio na cobertura, com a apresentação de versões dos fatos. Os comunicados, emitidos pelo pessoal leal ao presidente João Goulart são apresentados como curiosidades ou “notícias de 1º de abril” já que foram lançados sobre Juiz de Fora no chamado “Dia da Mentira”.

A edição especial de *O Lince* também nos traz várias fotografias. A maioria apresenta os militares, em especial o Gal. Mourão Filho e outros militares de alta patente sediados em Juiz de Fora, como heróis. Outras apresentam as manifestações ocorridas no retorno das tropas à cidade. Duas imagens porém chama à atenção: uma apresenta o Deputado Clodomiro Riani sendo conduzido à prisão e a outra mostra um grupo de jornalistas trabalhando na sala de imprensa montada pelos militares para noticiar as ações iniciadas na tarde do dia 31 de março de 1964.

A edição de *O Lince* do mês de março já estava pronta e já estava sendo enviada para as bancas quando aconteceu o golpe. Com a ocupação, pelos militares, do *Departamento de Correios e Telégrafos (DCT)*, no final da tarde do dia 31 de março, a revista deixou de ser encaminhada e foi logo recolhida à redação. Com isso, os jornalistas que trabalhavam na revista puderam montar a edição especial que foi encartada na revista de março, como correspondente ao mês de abril de 1964.

Essa edição especial, foi impressa em preto-e-branco no formato 21 X 28cm. Os textos foram diagramados em duas colunas de dimensões variáveis. O processo de impressão usado foi o de chapas de linotipo⁵, com os clichês⁶ das fotografias produzidos separadamente. Ressalta-se que esses clichês foram, em alguns casos, emprestados por jornais da cidade após terem sido usados em suas edições diárias do período.

A primeira página dessa edição/ encarte, traz no alto à direita, a logo da revista (*O Lince*) e o número da edição. No canto esquerdo, há um selo de “edição histórica”. Logo abaixo, após um grosso fio de 5 mm de espessura, segue o título principal da edição: “Deposto João Goulart”, em corpo 72, bold. Abaixo do título temos uma carta aos leitores onde o diretor da redação, Adail de Oliveira, fala aos leitores da importância daquela edição histórica.

A edição de março desta revista já estava sendo embalada para as bancas da cidade, quando foi eclodido o movimento revolucionário em nossa cidade. Diante desse impasse, a Redação se viu obrigada a retardar a circulação do número de março, já que as repartições do DCT estavam recebendo intervenção militar e a situação nacional não era a das mais calmas. Alguns exemplares já haviam sido entregues a assinantes nossos. Entretanto, tivemos a cautela de retardar a circulação daquela edição e como compensação aos nossos leitores, estamos incluindo junto ao n.º de março, a edição especial correspondente ao mês de abril já com a cobertura completa da revolução. Trata-se de um número que mais tarde será histórico, porque nele fizemos encaixar os principais fatos que motivaram a sublevação de Minas, num esforço de reportagem, graças à colaboração dos nossos amigos dos Diários Associados locais e dos fotógrafos que fizeram a cobertura. Os leitores poderão destacar a “edição histórica” do número de março, caso queiram guardar para futuramente mostrar a seus filhos e netos como se deu a libertação do Brasil do perigo vermelho (O LINCE, 1964).

Ao lado, em box entre-fios, há uma fotografia do Gal. Olímpio Mourão Filho no momento em que lia o “manifesto à Nação”, explicando propósitos. Segundo a revista, era o grito (numa clara alusão ao Grito do Ipiranga) da revolução contra João Goulart. Colocada abaixo do título: “De JF partiu a marcha da Libertação do Brasil do jugo Comunista”, a fotografia foi produzida por Waldemar de Aquino, fotógrafo da *United Press International* (UPI), agência norte-americana com escritório no Rio de Janeiro.

⁵ Trata-se de um tipo de máquina de composição de tipos de chumbo, inventada em 1884 em Baltimore, nos Estados Unidos, pelo alemão Ottmar Mergenthaler. O invento foi de grande importância por ter significado um novo e fundamental avanço na história das artes gráficas. A linotipia provocou, na verdade, uma revolução porque venceu a lentidão da composição dos textos executada na tipografia tradicional, onde o texto era composto a mão, juntando tipos móveis um por um. Constituiu-se, assim, no principal meio de composição tipográfica até 1950.

⁶ Placa de metal, com imagem ou dizeres em relevo, obtida por meio de estereotipia, galvanotipia ou fotogravura e destinada à impressão em máquina tipográfica.

No texto que acompanha a fotografia, Olímpio Mourão Filho é descrito como “bravo general” e Juiz de Fora entraria para a História do Brasil ao deflagrar a “vitoriosa” revolução. No pé da página, ainda temos a seguinte frase, retirada do manifesto do general Mourão Filho: “soldado marcha é para frente e assim é que para frente que vamos”.



Figura 1: Fac-símile da primeira página de *O Lince*, edição Abril de 1964. Acervo: Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Juiz de Fora (MG).

A seguir, na página dois, a revista publica, na íntegra, o manifesto do Gal. Olímpio Mourão Filho. Ao lado do manifesto, há um “roteiro” dos acontecimentos de 31 de março e 1º de abril. Este roteiro é acompanhado por duas fotografias, cedidas pelos Diários Associados, onde podemos ver, na primeira, o Gal. Mourão Filho ao lado do prefeito de Juiz de Fora, Adhemar de Andrade. Na segunda foto, populares, carregando faixas saúdam os militares que retornavam do Rio de Janeiro. Seguindo um modelo de diagramação comum na época, o roteiro se estende pelas páginas três e quatro, segue para a página oito e termina na página nove.

Na página quatro, temos um editorial (O momento) escrito pelo fundador da revista, Jesus de Oliveira, onde este afirma esperar que

(...) nos próximos pleitos, os brasileiros saibam votar em homens que não tenham resquícios de comunismo ou causadores dessa tremenda inflação que aí está causando a fome que reina entre os que não conseguem

empregos ou mesmo dos que não podem progredir as suas indústrias ou fazendas (...) que o eleitorado saiba votar escolhendo os homens que possam servir com patriotismo e não com demagogia desenfreada como tem sido (O Lince, 1964, p.4).

Ainda nesta página, há uma fotografia do Aeroporto de Juiz de Fora onde o golpe foi tramado em reuniões entre os militares lotados em Juiz de Fora e políticos ligados ao governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto. Durante semanas, voos noturnos, vindos de Belo Horizonte, traziam até Juiz de Fora os emissários do governador para tratarem das ações deflagradas em 31 de março de 1964. O texto exalta a cidade, mais uma vez, como a “(...)meca do movimento revolucionário” e segue afirmando que não adianta os paulistas “puxarem a sardinha” para o lado deles ou os belo-horizontinos reivindicarem a glória. Pois “(...) quem foi primeiro para a linha de frente e que esteve na iminência de choque sangrento, foi a tropa de JF. Foi daqui que partiu que partiu o plano executado com o grito do bravo General Mourão Filho” (p. 4, O Lince, 1964).



Figura 2: Militares que lideraram as ações em Juiz de Fora são apresentados como heróis pela revista O Lince em Abril de 1964. Fotografia de Waldemar de Aquino – UPI.

Já na página cinco, são apresentados os “autênticos líderes da revolução”. Nas fotografias de Waldemar de Aquino, da UPI, são apresentados o Cel. João Batista, chefe do Estado Maior da 4ª Região Militar, o Gal. Frederico Fassheber, que assumiu o controle de Juiz de Fora, como prefeito militar e o Major Brasiliano, um dos articuladores do golpe e das ações desencadeadas na cidade. Logo abaixo destas fotografias, a revista publica um texto do presidente João Goulart. Este texto foi publicado em boletins lançados por um

avião que sobrevoou Juiz de Fora na manhã do dia 1º de Abril. Segundo a revista, a ato (de lançamento do boletim) não passou de um “primeiro de abril” do governo que agonizava.

Na página seis, a revista apresenta o “fim melancólico de um líder”. Trata-se do episódio da prisão do Deputado Clodomiro Riani, presidente da *Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI)* e do *Comando Geral dos Trabalhadores – CGT*. Além do relato da prisão, a revista traz uma fotografia (dos *Diários Associados*) onde podemos ver o deputado, cabisbaixo e rodeado por diversos soldados da polícia do Exército, chega ao comando da 4ª Região Militar depois de longo cerco policial.

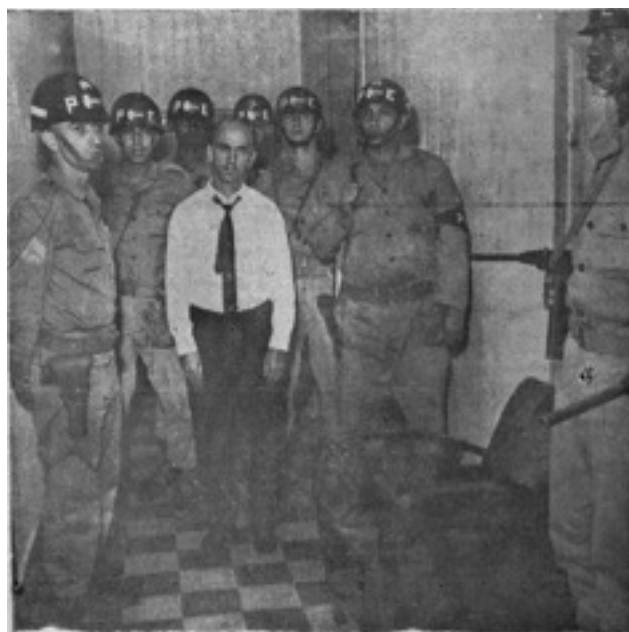


Figura 3: Deputado Clodomiro Riani é preso pelos militares em 1964. Revista *O Lince*, Abril de 1964. Acervo *Diário Mercantil/ Diários Associados*.

Ao lado, vemos uma coluna de notas, organizadas em um desenho estreito, de alto abaixo da página. Ali podemos ver algumas referencias interessantes aos acontecimentos: (1) Olímpio Mourão é apresentado como “grande herói” da revolução (Golpe); Leonel Brizola é apresentado como um covarde que prometia “mundos e fundos” aos trabalhadores e que, segundo a revista, teria fugido quando dos acontecimentos de 31 de março. Por fim, pede-se que a Câmara Municipal de Juiz de Fora deve dar ao General Mourão o título de cidadão honorário.

Na página sete, há uma montagem com quatro fotografias da recepção dos militares que retornaram do Rio de Janeiro e um poema, de Aspérides França, exaltando os soldados. No desfile, ocorrido uma semana após o golpe, cerca de 100 mil populares foram às ruas

receber os mais de 10 mil soldados (que poderiam ser 15 ou mesmo 18 mil soldados, conforme o texto) que retornaram a Minas Gerais. Além de militares aquartelados em Juiz de Fora, desfilaram pelas ruas da cidade, soldados de S. João del Rei, Santos Dumont e Belo Horizonte. Junto com os comandantes militares, também desfilaram políticos, como o governador Magalhães Pinto.

Na página oito, retoma-se o “roteiro dos acontecimentos” iniciado na página dois. A revista ainda publica, nesta página, um manifesto escrito em 1961 pelos ministros militares de Jânio Quadros: Odílio Denys, Grüm Moss e Sílvio Heck. No manifesto, os militares diziam ser o presidente João Goulart um político a serviço do comunismo e que estaria lançando o Brasil numa grave crise política.

Na página nove, além de terminar o roteiro dos acontecimentos, a revista abre um box entre-fios, para falar da importância da imprensa local nos acontecimentos. Segundo a revista, coube aos jornalistas a função de orientar o povo. Segundo o texto publicado, vários jornalistas foram convocados pelo comando da 4ª Região Militar para dar conhecimento ao público das ações dos militares.

Na página dez da edição especial de *O Lince*, são apresentados três comunicados. O primeiro, mais extenso, é uma proclamação do então governador de Minas, Magalhães Pinto exalta os militares e exorta a população civil a apoiar o que chama de ato de liberdade constitucional. Há um segundo comunicado, do Gal. Mourão em que este informa que toda a região sob jurisdição da 4ª Região Militar - que englobava todo o Estado de Minas Gerais, Espírito Santo e parte do Rio de Janeiro - estaria ainda sob lei marcial e que qualquer crime poderia ser submetido ao Código Penal Militar. No terceiro comunicado, o ministro da Guerra do governo de João Goulart informa que estaria assumindo as ações contrárias ao golpe. Este último texto, lançado sobre a cidade de Juiz de Fora de um avião da força Aérea Brasileira (FAB) não surtaria o efeito desejado.

Por fim, na página 11, a revista traz uma série de imagens produzidas por Roberto Dornellas, fotógrafo dos *Diários Associado*. Além das fotografias do deslocamento das tropas em direção ao Rio de Janeiro, a página ainda apresenta um texto acerca deste deslocamento, onde se exalta os atos destes militares e de como estes foram salvar a Democracia e a Constituição.

Jornais e jornalistas na cobertura do Golpe de 64

Há uma exaltação nesta edição especial de *O Lince*, da participação dos veículos de comunicação e dos jornalistas locais na deflagração dos acontecimentos de 31 de março. Várias vezes podemos observar nos textos, a tentativa de destacar o papel e protagonismo dos jornais e emissoras de rádio locais na informação e mobilização dos militares e civis de outras cidades em apoio ao Gal. Mourão Filho. Jornalistas locais não ignoravam as articulações que se desenvolviam desde o início de março. Nas duas últimas semanas do mês, com a intensificação dos voos noturnos dos representantes do governador Magalhães Pinto a Juiz de Fora, ficou claro que algo estaria para acontecer. Entretanto pouco se falava nas páginas dos jornais locais, dessa movimentação de militares e políticos.



Figura 4: Jornalistas reunidos na sala de imprensa montada no comando da 4ª Região Militar na manhã do dia 31 de março de 1964. Waldemar de Aquino da UPI é o terceiro, da esquerda para a direita. Fotografia de Jorge Curi, do Diário Mercantil/ Diários Associados. Revista O Lince, abril de 1964.

Nem a informação de que um capitão da Polícia Militar de Minas, na véspera do Golpe, teria circulado por todos os postos de combustível da cidade determinando a suspensão da venda de gasolina para uso em eventuais manobras, foi suficiente para se saber que algo de extraordinário estava para acontecer.

Embora muito possa se falar das dificuldades de se cobrir os acontecimentos imediatamente anteriores ao golpe, com os militares impedindo o acesso às informações, deve-se lembrar que, localmente a maioria dos veículos de comunicação defendiam

abertamente, no período que antecede o movimento militar, a derrubada dos “comunistas” e a retomada da democracia.

Muitos jornalistas já acompanhavam os militares desde o meio da tarde do dia 31 de março. Quando o Gal. Olímpio Mourão Filho fez seu pronunciamento, as emissoras de rádio locais – pertencentes aos *Diários Associados* e a outros grupos que apoiavam os políticos de direita - transmitiram sua fala para a região e para a capital, Belo Horizonte. O jornalista Waldemar de Aquino, correspondente da *UPI* em Juiz de Fora, transmitiu por telefone para a sede da *United Press* no Rio de Janeiro, a leitura do manifesto.

Além das referências à imprensa local que, segundo a revista teria aderido em grande parte ao golpe, cobrindo e noticiando os fatos conforme a visão dos militares, também é possível observar na edição especial de *O Lince*, referências à cobertura absurda de alguns meios de comunicação que continuavam apoiando o presidente João Goulart. A reportagem fala que, tendo os militares tomados os fortes de Copacabana e do Leme (...) o Palácio da Guanabara ficou aliviado da pressão dos adeptos de JG e a Marinha fazia calar as transmissões absurdas das rádios *Nacional* e *Mayrink da Veiga*, dando uma corrida nos comunistas que ali estavam divulgando notícias tendenciosas”. No Rio Grande do Sul, segundo a revista, os “loucos da quadrilha do sr. Leonel Brizola apossaram-se de uma estação de rádio e passaram a transmitir mensagens alarmantes” (p.09, *O Lince*, 1964).

Embora o jornalismo deva, nas palavras de Gay Tuchman, construir suas narrativas com base na objetividade, ao fim da análise do material publicado pela revista *O Lince*, podemos observar que os editores assumem um discurso de apoio e de exaltação do movimento golpista. Não há objetividade nas narrativas dos acontecimentos, nem no uso intenso de comunicados e boletins de serviço emitidos pelos militares. Podemos ver essa exaltação às ações dos militares logo na primeira coluna do “roteiro dos acontecimentos”. Há trechos como: “(...) era o grito de revolução contra os desmandos do chefe da Nação(...)” e “(...) foram horas de civismo que o povo de nossa cidade viveu no 6 de abril”.

Esta estratégia de enunciação do golpe pelos jornais juiz-foranos do período se articulava portanto, com os discursos adotados pelos sublevados e seus apoiadores. O tom da edição especial de *O Lince*, apresenta as mesmas características adotadas pelos jornais diários como o *Diário Mercantil* e o *Diário da Tarde*, ambos pertencentes aos *Diários Associados*. Isso fica claro quando a revista apresenta as manifestações públicas no retorno dos soldados à cidade. Argumenta-se que, neste momento, os juiz-foranos estavam

emocionados, e se sentiam como o centro de comando pela liberdade do Brasil. As notícias também demonstram forte editorialização dos textos. Os inimigos, cassados, presos ou fugidos são desqualificados, como podemos ver nas referências a João Goulart e Leonel Brizola que são chamados de covardes e loucos. Instituições como o Diretório Central dos Estudantes (DCE) é apresentado como antro de comunistas que precisavam ser presos para evitar tentativas desesperadas de contra-ataque.

Conclusões

A edição especial da revista *O Lince*, de abril de 1964, apresenta um modelo de cobertura comum aos meios de comunicação do período. Com textos fortemente adjetivados e editorializados, a revista exalta o movimento militar e exorta a população civil a apoiar as medidas tomadas pelos golpistas. Nas 12 páginas da revista fala-se de carinho e emoção da população em relação aos militares que desceram ao Rio de Janeiro e seus comandantes são chamados de heróis, bravos e defensores da democracia. Essa política editorial irá perdurar por semanas e meses seguintes numa clara demonstração de alinhamento sistemático com o regime militar recém-instalado. Estas referências, de Juiz de Fora como “Capital Revolucionária” do Brasil, serão ainda vistas em edições de *O Lince* e jornais como o *Diário Mercantil*, anos após os acontecimentos ocorridos naquele 31 de março de 1964.

Hoje, passados mais de 50 anos do golpe de 64, ao analisarmos como as narrativas jornalísticas foram costuradas naquela edição especial da revista *O Lince*, para exaltar os militares e defender seus atos como necessários à democracia, podemos perceber a necessidade de entendermos o funcionamento dos veículos de informação, os enquadramentos noticiosos realizados (e os interesses econômicos e políticos por trás deles), assim como o ambiente de trabalho dos profissionais.

Ao analisarmos a edição chamada de “histórica” pelos próprios editores podemos aí perceber três funções fundamentais. A primeira, de caráter pedagógico, que busca “ensinar” aos leitores uma história da revista e dos contextos históricos em que esta foi produzida. A segunda função perceptível nos apresenta as raízes desta revista e como esta procura apresentar o mundo no qual se inscreve e por fim, a terceira função é tornar-se um símbolo, uma marca de um dado acontecimento.

Entretanto, talvez a mais importante das funções não seja perceptível ou não esteja tão aparente: de que precisamos aprender com o passado para não repetirmos os mesmos erros.

REFERÊNCIAS

CÁDIMA, Francisco Rui. **História e crítica da comunicação**. Lisboa: Edições Sécuro XXI, 1996.

CAREY, James W. (edit.) **Social Memory**. Communication, N. York: Gordon & Breach Science Publishers, V. 11, n. 2, 1989.

COUTINHO, Iluska e FELZ, Jorge. **Memória e Poder: o Golpe de 64 na imprensa de Juiz de Fora**. IN: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol. XXVII, n.º 2 – julho a dezembro de 2004. São Paulo: Intercom, 2004.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. S. Paulo: Contexto, 2013.

MATHEUS, Leticia Cantarella. Narrativas do medo. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MEMÓRIAS DA REPRESSÃO – Relatório da Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora. Juiz de Fora (MG): Editora MAMM/ UFJF, 2015.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da UFRJ, 2006.

O LINCE. Edição Especial, Ano 53, .nº 1370 – Abril de 1964. Acervo da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Juiz de Fora: PMJF, 2015.